

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE HISTÓRIA

MARCELA BIANCA TENÓRIO GONÇALVES

**O FUTEBOL COMO ESPAÇO DE PODER:
UM ESTUDO DE CASO NA CIDADE DE SANTANA-AP.**

MACAPÁ - AMAPÁ

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central/UNIFAP-Macapá-AP
Elaborado por Mário das Graças Carvalho Lima Júnior – CRB-2 / 1451

G635 Gonçalves, Marcela Bianca Tenório.

O futebol como espaço de poder: um estudo de caso na cidade de Santana-AP / Marcela Bianca Tenório Gonçalves. Macapá, - 2023.
1 recurso eletrônico. 30 folhas.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Amapá, Coordenação do Curso de História, Macapá, 2023.

Orientador: Dorival da Costa dos Santos.

Modo de acesso: World Wide Web.

Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).

1. História - Futebol. 2. Controle. 3. Contra-hegemonia. I. Santos, Dorival da Costa dos, orientador. II. Universidade Federal do Amapá. III. Título.

CDD 23. ed. – 796.334098116

MARCELA BIANCA TENÓRIO GONÇALVES

**O FUTEBOL COMO ESPAÇO DE PODER:
UM ESTUDO DE CASO NA CIDADE DE SANTANA-AP.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de História como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de licenciado em História.

ORIENTADOR:
Prof. Dr. Dorival da Costa dos Santos

MACAPÁ - AMAPÁ

2023

MARCELA BIANCA TENÓRIO GONÇALVES

**O FUTEBOL COMO ESPAÇO DE PODER:
UM ESTUDO DE CASO NA CIDADE DE SANTANA-AP.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de História como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de licenciado em História.

APROVADO EM: 02 de Março de 2023.

BANCA:

Prof. Dr. *Dorival da Costa dos Santos*

ORIENTADOR

Prof. Dr. *Andrius Estevam Noronha*

MEMBRO

Prof. Dra. *Elke Daniela Rocha Nunes*

MEMBRO

DEDICATÓRIA

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso ao querido professor Carlos Alberto Viana Marques, um verdadeiro mestre. Agradeço por fazer parte da minha formação. Jamais esquecerei de suas aulas. Dedico também a minha querida avó Antonia Barbosa Gonçalves, que sempre me perguntava “como vai a escola?”. Saudade das nossas adoráveis conversas.

Que ambos estejam em paz.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus queridos pais Sandra e Jorge por toda educação e amor que me deram desde muito novos, reconhecerei para sempre tudo que fizeram e fazem por mim. Vocês são a base para eu estar aqui e nada disso aconteceria sem esse apoio. Eu os amo infinitamente e quero dar muito orgulho a vocês. Obrigada, mãe, por toda força com o Apolo, sem isso teria sido mais difícil. Agradeço aos meus irmãos, Vinícius e Duda. Tenho muito orgulho de ser a irmã mais velha dos dois e grata por tê-los em minha vida. Também a minha querida irmã Hendrya, onde quer que você esteja, sempre a levarei comigo.

Sou grata aos meus amigos que fiz durante a graduação, Lorena, Diogo, Cledson e Deivid, que, mesmo de longe, sempre me apoiaram, em especial a Adrian Barbosa, por toda cumplicidade durante todos esses anos. Aos meus amigos de infância Carla, Karen, Katriny e Ronilson que, do nosso jeitinho, nos amamos muito.

Agradeço imensamente ao meu amado filho Apolo, que veio ao mundo na metade da graduação, trazendo com ele grandes mudanças na minha vida. É admirável todas as mulheres que conseguem estudar, trabalhar e cuidar de um filho pequeno. Apolo de fato é o sol da minha vida e tudo que faço é pensando nele. Andou de ônibus comigo e assistiu várias aulas, esteve e está sempre comigo, é meu grande amigo e uma criança extraordinária. Tão novo e já me enche de orgulho todos os dias. Você é radiante, filho.

Ao meu lindo marido Wilson, pois sem você eu não teria chegado tão longe. Obrigada por todo apoio, por cada palavra, por sempre me motivar. Nos momentos mais tensos, você me colocou pra cima. É e sempre foi um pai maravilhoso e um amigo incrível para nós dois. Você abriu mão de duas graduações para que eu terminasse a minha, mudamos todos os nossos planos, não foi fácil, mas agora estamos caminhando para outras novas conquistas. Tudo foi do jeito que precisava ser. Chegaremos lá, gatinho. Amo muito você.

Por fim, agradeço ao meu gato Florestan, mesmo sem ele entender nada, foi um fiel amigo nas madrugadas silenciosas, fez companhia diversas vezes, me fazia carinho quando eu estava angustiada. Mesmo que tenha sido algumas vezes por interesse, ele aliviava o estresse e ansiedade quando eu precisava.

O futebol é muito mais que um esporte, ou mesmo um modo de vida: é uma metáfora da nova ordem mundial, com toda a sua complexidade. Os clubes de futebol espelham classes sociais e ideologias políticas, e frequentemente inspiram uma devoção mais intensa que as religiões. É um esporte com interesses reais – capaz de arruinar regimes políticos e deflagrar movimentos de libertação.

- Franklin Foer.

RESUMO

O futebol é o esporte mais expressivo dos amapaenses, e estudá-lo possibilita identificar a sociabilidade, conflitos, formas de organizações, bem como relações de dominação e resistência. Neste artigo, buscou-se identificar os acontecimentos de dois times tradicionais da cidade de Santana: Santana E. Clube e Independente E. Clube. Para tanto, foram utilizados depoimentos e análises dos jornais e revistas que circulavam na época estudada. Concluiu-se que o primeiro estava ligado à mineradora Icomi, que monopolizava ações e lazer, criando uma tensão social que foi determinante para que a população apoiasse a criação do Independente E. C., para de fato ter sua independência e obter os mesmos direitos a eventos. Assim, havendo uma contra-hegemonia, parte da população que se sentia excluída pôde, através do futebol, se igualar aos grandes da época.

Palavra-chave: Futebol; Controle; Contra-hegemonia.

ABSTRACT

Football is the most expressive sport of the people of Amapá, and studying it makes it possible to identify sociability, conflicts, forms of organization, as well as relations of domination and resistance. In this article, we sought to identify the events of two traditional teams in the city of Santana: Santana e. Club and Independent E. Club. For that, testimonies and analyzes of newspapers and magazines that circulated at the time studied were used. It was concluded that the first was linked to the mining company Icomi, which monopolized actions and leisure, creating a social tension that was decisive for the population to support the creation of Independente E. C., to actually have its independence and obtain the same rights to events. Thus, with a counter-hegemony, part of the population that felt excluded could through football match the greats of the time.

Keywords: Football; Control; Counter-hegemony.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
DESENVOLVIMENTO	12
THE FOOTBALL E O FUTEBOL.....	12
O FUTEBOL TUCUJU.....	15
BONS CATÓLICOS, BONS ATLETAS.....	17
O GRANDE VOO DO CANÁRIO MILIONÁRIO.....	20
INDEPENDENTE DO SANTANA. INDEPENDENTE DA ICOMI.....	23
O INDEPENDENTE ERA TIPO UM IRMÃO MAIS POBRE DO SANTANA	25
O CARCARÁ VIOLOU A GAIOLA DE OURO DO CANÁRIO	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	30

O FUTEBOL COMO ESPAÇO DE PODER: Um estudo de caso na cidade de Santana-Ap.

Marcela Bianca Tenório Gonçalves¹

Resumo: O futebol é o esporte mais expressivo dos amapaenses, e estudá-lo possibilita identificar a sociabilidade, conflitos, formas de organizações, bem como relações de dominação e resistência. Neste artigo, buscou-se identificar os acontecimentos de dois times tradicionais da cidade de Santana: Santana E. Clube e Independente E. Clube. Para tanto, foram utilizados depoimentos e análises dos jornais e revistas que circulavam na época estudada. Concluiu-se que o primeiro estava ligado à mineradora Icomi, que monopolizava ações e lazer, criando uma tensão social que foi determinante para que a população apoiasse a criação do Independente E. C., para de fato ter sua independência e obter os mesmos direitos a eventos. Assim, havendo uma contra-hegemonia, parte da população que se sentia excluída pôde, através do futebol, se igualar aos grandes da época.

Palavra-chave: Futebol; Controle; Contra-hegemonia.

Abstract: Football is the most expressive sport of the people of Amapá, and studying it makes it possible to identify sociability, conflicts, forms of organization, as well as relations of domination and resistance. In this article, we sought to identify the events of two traditional teams in the city of Santana: Santana e. Club and Independent E. Club. For that, testimonies and analyzes of newspapers and magazines that circulated at the time studied were used. It was concluded that the first was linked to the mining company Icomi, which monopolized actions and leisure, creating a social tension that was decisive for the population to support the creation of Independente E. C., to actually have its independence and obtain the same rights to events. Thus, with a counter-hegemony, part of the population that felt excluded could through football match the greats of the time.

Keywords: Football; Control; Counter-hegemony.

¹ Graduanda em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Amapá - UNIFAP, campus: Marco Zero.
Email: marcelabtg@gmail.com

INTRODUÇÃO

A temática sobre o futebol já foi mais ligada à área jornalística, porém, houveram mudanças gradativas nos últimos anos, principalmente quando passou a dialogar com outras disciplinas (história, antropologia e sociologia). Novos autores foram surgindo e a historiografia avançou e vem sendo bem aceita na Ciências Humanas. Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo analisar o futebol amapaense como objeto de pesquisa e compreender as nuances deste esporte, analisar o futebol como espaço de conflitos, busca de poder e (contra)hegemonia, da mesma forma que gerar reflexões para temáticas correlacionadas como objeto social no curso de História.

O recorte espacial é o futebol amapaense, em específico da cidade de Santana², analisando as relações e particularidades dos times do Santana Esporte Clube, então vinculado à Indústria e Comércio de Minérios S.A. (ICOMI), que por conta disso, a empresa através do futebol promoveu regalias a comunidade icomiana e seus “operários-jogadores”, assim criando uma tensão social no qual uma parcela da população passou a se sentir alienada as ações da empresa e do time, e, em resposta, resolveu fundar o Independente Esporte Clube, para se tornar independente e ter a liberdade de criar seus eventos, participar de lazeres e se sentir inserida naquilo que antes era negado.

O recorte temporal da pesquisa, para melhor compressão, introduz a história do futebol no Amapá e como procedeu do povoado de Santana, com a criação do Santana E. C em 1955 e se estendendo até 1965 com o apogeu do Independente E. C., que, sem muitos recursos (diferente de seu rival) e sendo apenas um “time do povão”, igualou-se aos grandes da época e demonstrou que assim como no futebol, todos percorrem os mesmos espaços.

Em relação às fontes, foram feitas análises às fontes documentais que circulavam na época pesquisada, sendo eles o *Jornal A Voz Católica*, *Jornal do Amapá* e *Revista Icomi-Notícias*, explorando as narrativas em que o futebol apareceu. Para Carlos Bacellar, o historiador precisa entender que a fonte escrita requer um olhar crítico, saber contextualizar sua coleta, seus critérios, cruzar fontes no sentido de compreender não só a sua finalidade, mas toda a bagagem política e/ou ideológica do documento³.

² A cidade de Santana está localizada a 17km da capital de Macapá, antes considerada povoado, depois distrito de Macapá e em 17 de dezembro de 1987, elevada à categoria de município do estado do Amapá.

³ BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINKY, Carla Bassanezi. Fontes históricas. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 23-79.

Também foi utilizado o recurso da História Oral, com base em entrevistas de personagens que fizeram parte do contexto estudado. Entende-se que a elaboração de uma narrativa memorialista é uma fonte documental importantíssima, tanto nas reconstruções sociais vividas pelo sujeito, quanto às pessoas que ele observa. A diante, será possível perceber através dos discursos ter uma ideia dos acontecimentos vivenciados na época e compreender as particularidades dos eventos ocorridos.

DESENVOLVIMENTO

The Football E O Futebol...

Práticas com bolas já existiam na humanidade há muito tempo⁴ e a verdadeira semente do futebol provavelmente ainda será discutida por muitos anos, porém, sabe-se que foi a Inglaterra a pioneira do “futebol moderno”. O esporte rapidamente se tornou ativo na cultura dos trabalhadores britânicos. Aos arredores das fábricas já era o assunto mais falado e logo começaram a se identificar com um grupo ou outro. Hobsbawm, ao escrever sobre a classe operária, afirma que o futebol participa da formação das experiências de classe, comparando com uma religião, argumentando:

O futebol como esporte proletário de massa – quase uma religião leiga – foi produto da década de 1880, embora os jornais do norte já ao final da década de 1870 houvessem começado a observar que os resultados de jogos de futebol, que eles publicavam somente para preencher espaço, estavam na verdade atraindo leitores. O jogo foi profissionalizado em meados da década de 1880, quando desenvolveu suas estruturas. (HOBSBAWM, 1987, p. 262)

Como podemos perceber, muitos dos times de fábrica, que se desenvolveram na época, passaram por um processo de personificação. Logo surgiram equipes onde os operários eram contratados mais pela habilidade com a bola do que pela sua eficiência no trabalho. Assim, surge a figura de “operário-jogador”. Isso criou uma hierarquização dentro das empresas, pois esse operário-jogador ganhava certos privilégios por fazer parte do time.

A origem do futebol no Brasil é bastante discutida entre os desportistas e pesquisadores, pois, nacionalmente, há a crença no “mito de fundação” de Charles Miller, e, em contrapartida, também há quem considere que o futebol já era praticado nas ruas e nas praças. O pai de Miller, nascido na Inglaterra, veio para o Brasil para trabalhar na São Paulo Railway em meio à crescente construção de ferrovias pelo país. Os imigrantes mais ricos e a

⁴ Na China, chamado de *ts'uh kún* (cuju), na Grécia, o *episkuros*, adotada pelos romanos (*harpasto*); na Idade Média, em Florença era praticado o *cálcio* e, na Gália, existiam o *soule*. Há estudiosos que consideram influências dos povos da mesoamérica em tempos pré-colombianos, onde o jogo de bola era mais um ritual cerimonial

aristocracia local costumavam mandar seus filhos para estudarem na Europa. Charles Miller foi um deles, partindo com 9 anos de idade em 1884. E foi lá que ele descobriu o futebol. (GUTERMAN, 2014)

Já Oscar Alfredo Cox, filho de um equatoriano diplomata, ajudou a introduzir o futebol no Rio Janeiro. Oscar conheceu o esporte na Suíça e lá relacionou-se com o futebol e inseriu no dia a dia dos cariocas. Em 1864, ou seja, anos antes de Charles Miller voltar ao Brasil com o futebol na bagagem, marinheiros estrangeiros, principalmente ingleses, foram vistos disputando pequenas peladas em campos improvisados. (GUTERMAN, 2014)

De forma semelhante, no Nordeste, foi José Silveira que foi estudar na Suíça e, quando regressou ao Ceará, trouxe uma bola de couro, um livro de regras e dois conjuntos de uniformes que o possibilitou organizar o primeiro jogo de futebol na cidade, envolvendo cearenses da “boa sociedade” e ingleses que residiam em Fortaleza (DAMASCENO, 2011). No Maranhão, também existiu seu “Charles Miller”, o Joaquim Moreira Alves dos Santos. Nhozinho Santos, como era conhecido, por ser filho de um dono de companhia fabril maranhense e, quando jovem, foi estudar em Liverpool. Ao retornar, trouxe consigo acessórios do moderno esporte. Com bolas, chuteiras, uniformes e até apitos, fundou, em 1907, o Fabril Athletic Club, mesmo período que muitos times do sul. (TRINDADE, 2011)

No Amazonas, de forma parecida, fundou-se em 1913 o Nacional Futebol Clube, antigo Manaós Sporting Club, onde somente os ingleses da localidade jogavam. Alguns fundadores desmembraram-se deste para dar nascimento ao Nacional. O nome foi escolhido para enaltecer o clube e seus jogadores que eram totalmente de origem brasileira. Seu principal rival, Atlético Rio Negro, também centenário, tinha como um de seus objetivos incentivar o esporte e ter como composição os brasileiros. Ambas equipes estão ativas e promovem belos clássicos na capital Manaus.⁵

Quando se fala de times tradicionais do Norte, sempre é lembrado da grande rivalidade entre Remo e Paysandu, os clubes fundados há mais de 100 anos, atualmente ativos, são significativos na vida de seus torcedores, inclusive no Amapá, que um dia já fez parte do Pará.⁶ A história desses clubes também tem origem no início do século passado, onde na

⁵ CASTRO, Eliomar. **Nacional Futebol Clube, 106 anos de glórias**. Alternativa Sports. 3 fev, 2019. Disponível em: <https://www.alternativasports.com/site/nacional-futebol-clube-106-anos-de-glorias/>. Acesso em: mai/2020.

⁶ O Amapá foi desmembrado do estado do Pará em 13 de setembro de 1943, quando foi criado o Território Federal do Amapá (TFA). Permaneceu nesta condição até 1988, quando a atual Constituição Federal o elevou a estado da Federação a partir do Decreto-lei nº 5.812, desmembrando-se do estado do Pará.

região aconteciam grandes transformações. Belém era considerada a metrópole da modernidade. Os barões da borracha e as casas estrangeiras comercializavam o látex, produto originário de uma árvore nativa da Amazônia, a seringueira. Fato que proporcionou o maior contato com negociantes ingleses.

A “belle époque do futebol”, como denomina Gaudêncio (2017), aparece nesse cenário, onde os belenenses tinham esse contato com a sociedade europeia, que estimulavam a prática de esportes na cidade, como o remo, boxe, atletismo, pólo aquático, e entre outros, logo, o futebol, visto como moderno, também foi bem aceito. Aqui também há a influência de estrangeiros no nascimento do futebol local. É interessante como no início essa influência era tão presente, como mostra o seguinte relato:

“é-me grato registrar que o campo se achava devidamente calçado e marcado de acordo com as regras do jogo britânico, e mais ainda que os jogadores mostram-se verdadeiros *spotmen* obedecendo fielmente as decisões do *referee*, não havendo, durante o jogo, um *foul sequer*.”⁷

O relato acima demonstra que na época a população usava não só as regras e padrões de fora, mas também utilizavam das palavras em inglês para definir “juiz”, “falta” e entre outros termos, os quais se utilizaram por muito tempo. Lembrando que, inicialmente, não eram todos que participavam das práticas, somente a elite. Foi neste cenário que os tradicionais times do Pará iniciaram suas atividades, ganhando torcedores, agregando pessoas de outras classes e começando sua história no futebol, mesmo que em seus embriões a elite estivesse bastante presente. O RexPa, sem dúvidas, conta muito sobre a história política, social e cultural dessa parte da região Norte.

O processo de popularização do futebol no Brasil inicia quando os setores mais pobres da sociedade começam a participar, uma vez que no início, a presença é apenas dos mais “abastados” (PEREIRA, 2020). Os excluídos desse esporte começam a criar em cada bairro ou local de trabalho essa prática, porém ainda de forma precária. Entretanto, de forma igual a Inglaterra, foi assim que o futebol no Brasil se difundiu e virou uma paixão nacional, e a classe trabalhadora teve um papel importante na sua difusão.

Nota-se que a influência da Europa (principalmente dos britânicos) sempre está presente, porém, a participação de brasileiros é bem rara. Contudo, quando Miller introduziu o esporte no Brasil, seria mais o perfil competitivo do futebol, com as regras, limitações,

⁷ C.f relato do livro CRUZ, Ernesto. **História do Clube do Remo de 1905 a 1969**, sobre como os praticantes do soccer buscavam se aproximar ao máximo das regras inglesas, inclusive pelos próprios nomes.

equipamentos, e a bola (trazida da Inglaterra, pois era uma raridade). Muitos pesquisadores acreditam que seja por isso que Miller é considerado o “pai do futebol brasileiro”, pois assim os jogadores passaram a ter objetivos e gosto pela prática, algo que cresceu rapidamente.

O Futebol Tucuju⁸

Quando se analisa o futebol em terras amapaenses, não há indícios de que esse esporte partiu de contatos com ingleses ou de estudantes da região que tenham exportado a prática, mas sim, por outros idealizadores, no quais se destacam os imigrantes de várias regiões do país e os padres italianos. Quanto ao início, ainda têm controvérsias, pois há relatos que em meados de 1938 no campo Camaú, hoje conhecido como praça do Barão, já haviam alguns praticantes do futebol usando-o de entretenimento e lazer, mas não há comprovações em documentos (escritos ou fotos) desse fato (SILVA, 2010, p. 25).

Na obra de Leonai Garcia, *Bola de Seringa*, pioneira e referência nos estudos sobre o futebol amapaense, uma das primeiras pesquisas fundamentais sobre o Futebol Tucuju, data 1940 o início dessa experiência no estado. E foi no início da década de 1940, principalmente com a chegada de trabalhadores de fora (muito deles paraenses e nordestinos), após a criação do Território Federal do Amapá (TAF) em 1943, se vê o tímido avanço do que seria hoje em dia o esporte favorito de muitos amapaenses.

No Pará, o futebol estava mais consolidado nos anos 40. A sociedade já tinha uma experiência de torcer, acompanhar e jogar em equipes e participar de campeonatos. Os jovens que passaram a morar no TAF, trouxeram essa vivência para um futebol principiante e reuniram-se na chamada Rua da Praia⁹ para praticarem a febre da época.

Ao analisar a história do futebol no Brasil e afora, na maioria dos casos os equipamentos eram trazidos de fora (outros países e principalmente da Inglaterra), mas no Amapá a bola era fabricada na própria região. O estado estava incluído no projeto de exploração de látex, originário das seringueiras. Garotos que frequentavam seringais da região usavam as sobras para fabricar as bolas para as partidas (SILVA, 2010). Daí o nome para a obra de Leonai Garcia.

⁸ Tucuju foi uma etnia indígena que no passado habitou no estado. Muitos amapaenses usam a palavra tucuju como forma de pertencimento e/ou indicar algo que é ou está no Amapá.

⁹ Rua que atualmente se encontra a Orla de Macapá.

Os jovens amapaenses (natos e “naturalizados”) cresciam pelas ruas no crescente território, com isto, a fim de entretenimento, começaram a se reunir para “bater uma bolinha” na chamada Rua da Praia, onde o Rio Amazonas estava a frente e moravam muitas famílias tradicionais. Havia também algumas casas em torno da Igreja Católica São José de Macapá. Nelas moravam a garotada “de cima” e os garotos da Rua da Praia os “de baixo”, pois moravam na parte baixa da cidade. Uns jogavam nos campinhos que hoje seria nos arredores da praça Zagury e Beira Rio, e a garotada de cima, onde seria a praça Veiga Cabral.

Nesse período existia uma rivalidade entre esses jovens, daí surgiram os primeiros confrontos nas peladas tucujus. A parte de cima da cidade, aos arredores da igreja Matriz São José, tinha seu largo, onde fizeram um campo de futebol, iniciando um verdadeiro campo de pelada. Neste lugar começou de fato as práticas futebolísticas em Macapá, com jogos considerados importantes.

A garotada que costumava a jogar nos campinhos da Rua da Praia, passaram a subir constantemente para as partidas que aconteciam no então “Campo da Matriz”, como ficou conhecido o largo da Igreja São José. Foi nesse cenário que os primeiros times foram se formando. Os primeiros confrontos dos times aconteceram neste campo, como detalha Garcia:

“campo de terra batida, bem cuidado, dimensões oficiais da época, cercada de estacas pequenas pintadas de branco, arquibancadas de madeira nas duas laterais enchiam para assistir os jogos. Um gol ficava para o lado da igreja e o outro para o lado da Cândido Mendes (...) mesmo sendo aberto, afinal, numa praça ao ar livre, havia quem pagasse para ver os jogos. Objetivo: ajudar as equipes.” (GARCIA, 2009, p. 33)

A primeira equipe a surgir, seguindo os padrões próximos a sociedade esportiva foi o Panair E. C., fundado em setembro de 1940, oriundo da empresa de avião da época, quando a cidade ainda pertencia ao governo do Pará. A Panair do Brasil S/A tinha sua pista de pouso situada onde hoje é o centro de Macapá, na Av. FAB¹⁰, uma das avenidas mais conhecidas do estado. Os funcionários da empresa formaram a equipe de futebol.

Após a criação do Panair E. C., foram surgindo outras equipes seguindo o modelo da organização esportiva da época. Surgiu-se o SESP, equipe fundada por funcionários do Serviço Especial de Saúde Pública – Fundação SESP, em 1943. O Panair Esporte Clube

¹⁰ A avenida leva esse nome por conta da antiga pista de pouso e decolagem. FAB é a abreviação de Força Aérea Brasileira.

tornou-se em 1945 o Esporte Clube Amapá¹¹, já a equipe do SESP, um ano antes, tornou-se o Amapá Clube. Essas tradicionais equipes, por serem as pioneiras, além de integrarem um dos maiores clássicos no estado, são os maiores vencedores do Campeonato Amapaense.

Equipes tradicionais e outras já extintas cresceram e passaram a participar de campeonatos, e claro, ganhando sua torcida, como por exemplo: Camaú E. C. (1944), São José (1946), Trem Desportivo Beneficente (1947), Atlético Latitude Zero (1953). Foram equipes da década de 1940 que vingaram e participaram dos primeiros campeonatos oficiais. Aos poucos outras equipes espalhadas pelo território foram surgindo ao passar dos anos, muitos deles já extintos e outros ainda em atividade.

Como Garcia e torcedores mais velhos relatam, muitos se reuniam para assistir as partidas. Não há dúvida que o esporte se concretizou rapidamente no território, motivado por fortes influências e encorajamento para que desse certo. Sabe-se que, após o Amapá tornar-se Território Federal em 1943, pessoas de diversos lugares passaram a residir em solo amapaense, e na bagagem, suas vivências, inclusive quanto ao futebol, seja como jogador ou torcedor, assim nascendo a prática em solo amapaense.

O futebol no Amapá começa a engatinhar no início dos anos 40 e ganhando forças, mas precisa-se destacar o gás que esse esporte teve para seu crescimento, primeiramente os padres italianos do Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras (PIME) que chegaram em 1948 e a Indústria e Comércio de Minérios S.A. (ICOMI)¹² em 1947, para iniciar a exploração de manganês no Território Federal do Amapá (TAF).

Bons católicos, bons atletas.

Em 1948, padres italianos representando o Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras (PIME) chegam no Território do Amapá para espalhar o catolicismo na região Amazônica, pois era considerada uma área de cristianização imatura. No início relataram uma certa resistência, pois diziam que a população tinha mais apego aos santos e imagens do que os sacramentos, dentre outras festividades que faziam (e ainda fazem) parte do sincretismo religioso e cultural dos amapaenses. (LOBATO, 2013, p. 155-164)

¹¹ A ligação entre Panair e o E. C. Macapá segue até hoje. O clube mantém a constelação do Cruzeiro do Sul no escudo e uniformes.

¹² Em 1941 foram confirmadas jazidas de manganês em Serra do Navio, iniciando em 1947 a exploração do mineral que na época era bastante valorizado por conta da II Guerra Mundial e posteriormente a Guerra Fria. A Indústria e Comércio de Minérios S.A. (ICOMI), empresa brasileira de Minas Gerais ganhou a concorrência. Sua exploração durou aproximadamente duas décadas, encerrando suas atividades em 1998.

Diante disso, os padres mudaram sua postura para ganhar confiança e espaços entre a população através de suas obras sociais como escolas, hospitais, orfanatos e também promovendo competições e uma série de ações com a garotada, sendo lúdicas e de cunho esportista (LOBATO, 2013, p. 170). Foi nesse cenário que o futebol foi ganhando mais espaço, pois, juntando os jovens que já “batiam” uma bolinha na cidade, tinha agora a juventude “cria” das igrejas.

Os padres eram apaixonados pelo futebol e pelos times da Itália, seu país natal, no qual tiveram inspirações para criar as equipes com os jovens frequentadores e ao mesmo tempo saudar seus clubes e fazer parte de um esporte que agradava os envolvidos. Em frente a quase todas as igrejas havia praças com campos de futebol, quadra para voleibol e outros jogos e brincadeiras (LOBATO, 2013, p. 170). Coordenadas pelos padres Vitório Galiane, Jorge Basili, Aristide Piróvano, Antonio Coco, Ângelo Biragui, Dário e Ângelo Pinguí, foram criando as equipes que eram homenageadas com os nomes de clubes italianos como: AC Milan, Juventus FC, Internazionale (Inter de Milão), Genova FC, AC Torino. Além dos nomes, também usavam uniformes das cores das equipes originárias. O Padre Vitório Galliani foi o mentor da fundação de dois grandes clubes de futebol de Macapá: Juventus e Ypiranga. O Juventus Esporte Clube está extinto. O Ypiranga Clube, conhecido como Clube da Torre, em alusão à torre da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, no bairro do Trem, e que tem as cores da Internazionale de Milão, permanece em atividade.

Muitas vezes os padres eram bem ativos em relação às equipes, não só como fundadores, mas também como diretores, treinadores, presidente de honra, ou até mesmo jogando algumas partidas, como relatou Nilson Montoril:

Vitório Galliani e Ângelo Pigi. Estes dois chegaram a participar dos treinos que o Juventus Esporte Clube realizava no campo do Estádio Municipal de Macapá, ambos na condição de zagueiros. O Padre Ângelo Pigi, por ser alto, desanuviava qualquer bola lançada para a meta que defendia.¹³

Essa aproximação foi benéfica aos padres, pois atraía não só pessoas que queriam participar das ações organizadas por eles, como também fiéis, que era o objetivo principal. O moleque podia ser um craque, mas se não frequentasse as aulas de catecismo e não assistisse

¹³ Cf. MONTORIL, Nilson. Padres Italianos no Amapá : Catecismo, Ética e Esporte. Nilson Montoril - Arambaé. Macapá, 17 abr. 2012. Disponível em: <http://montorilaraujo.blogspot.com/2012/04/es-italianos-no-amapa-catecismo-etica-e.html>. Acesso em: fev/2019.

os ofícios religiosos ficava fora das competições¹⁴. Ou seja, ao fazer controle da prática esportiva, evitava o descompromisso com os deveres dominicais com a igreja. Pode-se observar essa relação numa matéria do jornal *A Voz Católica* de 1973:

Fazem vinte e cinco anos da chegada dos primeiros padres da PIME. Quem pensou que esses estupendos missionários se limitassem a cuidar apenas da alma de suas ovelhas, ficou redondamente enganado. (...) Mas o Juventus, que espalhou tanta alegria, contribuiu para a evolução do esporte no Amapá, era também sinônimo de sacrifício, de luta para os padres da Prelazia, que lutavam desesperadamente pela sua manutenção. Enquanto o campinho da Praça Veiga Cabral estava em atividade, o sacrifício valia a pena, pois, todas as tardes a garotada estava sendo trabalhada. O lado espiritual e moral nunca foi desprezado e os padres da Prelazia tinham um cuidado todo especial com os jovens atletas, visando formar, também, futuros desportistas e dirigentes. Caiu o Juventus, surgiram o Ipiranga, na paróquia da Conceição, e Independente, na paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, em Santana. Padre Vitório e Padre Ângelo, como sempre, liderando a juventude e mostrando aos jovens que nem só de futebol vive o atleta. (...) Querem formar bons católicos, bons atletas, homens conscientes e acima de tudo úteis ao Amapá e ao Brasil. Que trabalho maravilhoso. Que dívida imensa todos nós temos para esses homens vestidos de brancos, estrangeiros, não resta a menor dívida, mas sempre prontos a trabalhar pela nossa querida Pátria.¹⁵

Conforme o esporte foi se consolidando e ganhando mais visibilidade e organização, a imprensa da época foi dando destaques do esporte em seus jornais locais. O jornal *A Voz Católica*, que circulou no Território dos anos de 1959 até 1974, saiu um pouco do padrão de um jornal religioso ao noticiar sobre o futebol da cidade. No início as notícias dos esportes eram bem discretas, porém, não tardou para que ganhassem espaços, matérias, citações, informações de campeonatos, comentários, fotos e críticas, contudo, sempre exaltando os times originários das igrejas e, claro, realizações dos padres.

A paixão pelo futebol também se traduzia na adesão a este ou aquele time. As atuações de agremiações eram, frequentemente, tema de animadas e ruidosas conversas de botequim (LOBATO, 2013, p. 143). O Campeonato Amapaense foi crescendo na sua organização e equipes participantes, com isso tiveram que dividir em duas divisões por um período, e ambas movimentavam bastante a cidade em dias de jogos. Em 1950 Macapá inaugura seu estádio municipal, o Glicério de Sousa Marques, mudando o cenário futebolístico, sendo um divisor de águas para o futebol amapaense (GARCIA, 2009, p. 43).

¹⁴ Ibidem

¹⁵ PRELAZIA É ESPORTE: Vinte e cinco anos de luta pelo Esporte. *A Voz Católica* (Macapá), nº 627, 15 jul. 1973, p.22

Jogos oficiais passaram a acontecer nele, sendo palco de muitos títulos e histórias dos anos dourados do futebol no Amapá.

O grande voo do Canário Milionário.

No povoado ao lado de Macapá, que posteriormente tornou-se a cidade Santana, seus atletas tiveram um papel muito importante na história do futebol do Amapá. Em 1946, com a descoberta do manganês em Serra do Navio, Santana experimentou um crescimento significativo em vários aspectos, incluindo o futebol, com forte influência da mineradora Indústria e Comércio de Minérios S.A. (ICOMI).

A primeira equipe de futebol criada pela Icomi se chamava Porto Platon Esporte Clube, um tímido time formado por alguns trabalhadores naturais de vários estados, que passaram a morar e trabalhar no Território por conta da mineradora. Assim narra seu Odon Morales Y Morales, um dos nomes mais importantes da história da Icomi e do futebol de Santana. Um homem natural das Ilhas Canárias, na Espanha, que fugiu da guerra com seu pai e se refugiou para o Brasil, se instalando na cidade de Oiapoque e por conta de suas habilidades, se tornou mecânico da Icomi e fez parte por muitos anos da área administrativa da mineradora e dirigente esportivo.

Após a rápida passagem do Porto Platon E.C., surgiu o Manganês Esporte Clube, em alusão ao minério exportado pela mineradora. Foi rapidamente bem aceito entre os trabalhadores e moradores, a Icomi percebeu que a criação de uma equipe de futebol administrada pela empresa o traria muitos frutos. Com o sucesso do Manganês E.C., os dirigentes viram a necessidade da criação de uma equipe de futebol também na Vila Amazonas¹⁶, em Santana, sendo o Icomi Esporte Clube, mas que, após algumas reuniões, nasceu em 25 de setembro de 1955 o grandioso Santana Esporte Clube.

O Santana surgiu com a transferência dos funcionários da Icomi de de Porto Platon para Santana. O acampamento central da Icomi era em Porto Platon, no município de Porto Grande. Os funcionários da Icomi, inclusive eu, fundamos Porto Platon Esporte Clube, lá tinha: paulistas, mineiros, baianos, pernambucanos, cearenses, paraenses, amapaenses, tinha de tudo. Tinha funcionários do Brasil inteiro, e nós fundamos o Porto Platon Esporte Clube.¹⁷

¹⁶ A Vila Amazonas foi uma vila operária construída em Santana para hospedar os funcionários. A outra estava localizava em Serra do Navio.

¹⁷ Entrevista de Odon Morales Y Morales cedida à Marcela Bianca em outubro de 2019.

Na década de 1950 já era comum a relação entre clube e empresa, fato que ajudou a Icomi investir e organizar de forma efetiva o Santana Esporte Clube. Criou-se o estatuto através de uma assembleia, que incluía desde a organização do clube quanto a sua sede e seus sócios/filiados, sendo uma estrutura planejada a longo prazo. Os adeptos do esporte facilmente afeiçãoaram-se ao clube, inclusive a então tímida mídia do Território. Assim, o Santana E. C., inicia o campeonato amapaense na 2º divisão sendo campeão e participando da 1º divisão em 1958.

Muitos funcionários ansiavam entrar na equipe, uma vez que tinham algumas regalias, dentre elas o material que a empresa dava, além de mais tempo livre para treinar, e ascensão de cargos. A empresa obviamente escolhia os mais talentosos, sendo realizada muitas vezes a contratação de algum funcionário a partir de suas habilidades no futebol, para que os melhores pudessem carregar o nome da empresa. Odon Morales Y Morales afirma essa prática na Icomi, narra que: “Tinha uma coisa, chegava candidato, eu cansei de fazer isso 'você joga bola?', 'jogo', 'então bora fazer um teste'. Se ele fosse bom, tava empregado (risos).”

Elke Nunes em sua tese de doutorado explana como a Icomi controlava seus funcionários e aborda a questão do esporte e sua influência para a dominação que a empresa pretendia. Em síntese, o futebol era o esporte mais popular entre os trabalhadores da ICOMI, e a empresa soube fazer uso de tal prática como reforçadora da disciplina almejada (NUNES, 2018, p. 155). Anatol Rosenfeld (1973) cita a possibilidade de que o futebol é incentivado entre os trabalhadores com o intuito de domesticar seus corpos para o trabalho e difundir neles o sentimento de grupo, identificado com a empresa.¹⁸

Fátima Antunes em seus trabalhos sobre os clubes de fábrica, em especial o The Bangu Athletic Club, da Cia. Progresso Industrial, aborda a relação de um “operário-jogador” e a empresa. A direção busca subsidiar as atividades do clube, como por exemplo, um campo de futebol, acessórios, transporte, sede, bem como atividades sociais que contavam com participação dos familiares, bailes, festas de fim de ano, etc. Diante disso, a autora alega que:

Esboçava-se, assim, uma primeira forma de controle sobre o clube (...) A diretoria do clube, juntamente com outros órgãos burocráticos, como conselhos fiscais e deliberativos, tinham o poder para elaborar regimentos internos e estatutos, estabelecendo direitos e deveres aos associados. A aprovação desses documentos, contudo, cabia à direção da empresa. Ela queria saber o que se passava no interior do clube, certificando-se de que a ordem e disciplina fossem preservadas (ANTUNES, 1994, p. 105).

¹⁸ ROSENFELD, Anatol. “O futebol no Brasil”. in Revista Argumento. Ano I, nº 4, 1973, pg 61-85.

De forma parecida, assim agia a Icomi diante o Santana E.C. A empresa investiu no clube, e o retorno foi rápido. Logo vieram as vitórias, o bom desempenho frente aos tradicionais clubes, imprensa, times e dirigentes de fora. Suas sedes nas Vilas possuíam espaços de lazer, piscina, festas, cuidados diferenciados com a saúde e educação. Homens simples tiveram acesso a um bem cultural desconhecido, o qual, uma vez apropriado e reelaborado, abriu-lhes outras oportunidades além da mera diversão (ROSENFELD, 1973, p. 67).

Em 1961 a Icomi inaugurou o Estádio Augusto Antunes, sendo destaque nacional pela sua modernidade numa famosa revista que circulava no Rio de Janeiro¹⁹. A ousada obra chamou muita atenção na época pela sua grandiosidade, fato narrado no *Jornal A Voz Católica*:

A pérola de Macapá está em Santana às margens do rio Amazonas. É a praça de esportes do Santana Esporte Clube, construída pela Icomi e inaugurada sábado 19, dia da bandeira. esteve presente o Exmo. Sr. Governador que ficou vivamente impressionado com o que viu e assistiu. Ganhou o Território uma obra primorosa, motivo de orgulho a todos nós, pois, sabemos não existir no Norte, para não ir mais além, um local moderno, apropriado e completo para a prática de esporte. A praça do Santana E, Clube é composta de quadras de basquetebol e voleibol, piscina, campo de futebol com arquibancada de concreto, garagem náutica, vestiário com todos os requisitos necessários e serviços de bar. Este monumento, avaliado em várias dezenas de milhões de cruzeiros, é uma amostra patente do carinho que a indústria concessionária do manganês cerca seus funcionários e familiares, dando ensejo para maior aprimoramento esportivo da juventude, pois, o Santana, como participante ativo de vários campeonatos em Macapá terá um local moderno e sedutor para enfrentar leais adversários. De parabéns a Icomi, de parabéns o Santana e de parabéns o Território do Amapá por possuir essa verdadeira pérola. Entre inúmeras coisas que possuímos, esta deixará qualquer visitante com uma pontinha de inveja.²⁰

Além disso, a empresa promovia diversos torneios, fazia doações de equipamentos a outras equipes, promovia amistosos com equipes de fora e custeava viagens, quando necessário. Com toda essa predominância e notoriedade através da Icomi, o Santana Esporte Clube ficou conhecido como Canário Milionário²¹.

¹⁹ “Santos do Norte nunca perdeu um campeonato”. *Revista do Esporte (Rio de Janeiro)*. n° 252, 1964 pg. 22. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=144118&pagfis=12814>. Acesso: jun/2021.

²⁰ Conversa Fiada: A Pérola de Macapá. *A Voz Católica* (Macapá), n° 109, 26 nov. 1961, p. 3

²¹ Por ter a camisa amarela igual à da Seleção Brasileira, o Santana E. Clube passou a ter também o pássaro Canário como mascote. O "milionário" por conta dos bens que o clube tinha.

Todos os prestígios da empresa Icomi e do clube eram compartilhados apenas com a comunidade icomiana, mas Santana não se resumia a empresa, apesar de praticamente girar em torno dela. Havia a outra parte da população, a não empregada pela mineradora, que lhe era negado usufruir de toda a estrutura que a Icomi estava promovendo no Território, gerando um sentimento de exclusão.

Independente do Santana. Independente da Icomi.

Em 1961, o padre Ângelo Biraghi, seguindo a filosofia da PIME, inicia os trabalhos sociais em Santana. Com a criação da paróquia de Santana, a Irmandade de Nossa Senhora de Perpétuo Socorro, estava na organização da criação da Igreja Matriz, e igualmente os padres de Macapá, viu no futebol uma forma agregar crianças e adultos e incentivá-las a viver uma vida cristã.

A empresa Icomi ajudou a Igreja Católica para alavancar as ações em Santana. Quando não tinha a igreja construída, cedeu o salão de seu cinema para cerimônias²² e Cr\$ 700.000,00 de contribuição espontânea²³, e até “emprestou” Odon Morales na organização e fundação do time da Vila Maia²⁴. Morales cita que a mineradora não interferiu por ele ter participado da fundação, uma vez que ela estava envolvida nas ações e ele não desvinculou-se do time do Santana E. Clube.

Morales foi uma das pessoas que, apesar de fazer parte da empresa, via que a população “não icomiana” estava desconfortável com a tensão de não poder fazer parte dos eventos do Santana E. Clube, juntamente com o que a empresa proporcionava de lazer. Ele relata:

Só podia jogar quem era funcionário. Só podia tomar parte na piscina, nas dependências do Santana quem fosse funcionário da Icomi, com as famílias, nas festas. Aí surgiu uma certa força, porque... o pessoal que morava... que não era funcionário se sentiam excluídos, e aí... Rapaz, só tem um jeito, vamos fundar outro clube fora do Santana. Aí reunimos na igreja, próximo a Vila Amazonas, com o padre Ângelo, reunimos uma turma, aí formamos o Independente.²⁵

Em 19 de janeiro de 1962 foi fundado em Santana o Independente Esporte Clube, com a iniciativa da igreja e das pessoas que se sentiam incluídas nas agremiações. Após os debates,

²² Crônica das Paróquias. *A Voz Católica* (Macapá), nº 69, 19 fev. 1961, p. 3

²³ Santana Etapa Inicial.... *A Voz Católica* (Macapá), nº 172, 10 fev. 1963, p. 2

²⁴ A Vila Maia era uma das vilas do povoado de Santana, onde moravam famílias tradicionais e simples. Hoje seria o bairro Central da cidade.

²⁵ Entrevista de Odon Morales e Morales cedida à Marcela Bianca em outubro de 2019.

foi escolhido as cores verde e branco para representar o clube. Na mesma assembleia de criação, foram escolhidos os dirigentes e a decisão de filiar-se à Federação de Desportos do Amapá e disputar a segunda divisão²⁶. Segundo Morales, o nome partiu do Pe. Angelo fazendo igualmente seus amigos padres italianos com os clubes oriundos das igrejas em Macapá: “Aí nós: ‘então Independente mesmo’. Isso foi a sugestão do padre Angelo. Independente porque ele era independente do Santana. Independente da Icomi.”

A criação do Independente foi algo benéfico para a Igreja Católica, em especial aos padres da PIME que já estavam fazendo esse tipo de trabalho, como para a população, e essa combinação foi realizada no momento certo, em que o interesse era de muitos. O entusiasmo com a nova equipa da Vila Maia foi grande, as ações foram imediatas, tanto que um pouco mais de dois meses de sua criação, já estava ganhando notoriedade nas mídias locais.²⁷

Logo o Independente E. C. ganhou fama de “time do povão”, pois a população se sentiu acolhida pelo clube, participaram das rifas feitas por Pe. Angelo para ajudar na construção da sua sede, local onde aconteceram eventos memoráveis, inclusive baile das debutantes e carnavais, que aconteceram somente na sede do Santana E. C e muitos não participavam. Morales cita que:

No Santana (clube) não tinha liberdade. Você queria levar um amigo e não podia. Por exemplo, eu como presidente, eu tinha meus convidados, eu tinha que assinar... Se algum funcionário da Icomi quisesse trazer convidado, um irmão, uma cunhada, tinha que chegar comigo... Mas sem convite não entrava. No Independente não tinha esse negócio, pagou, entrou.

Uma parcela da população de Santana reconheceu que pertencia a um grupo que tinha tratamentos diferentes, alienados a certos bens, assim acontecendo a *consciência de classe*. Segundo Marx (1844) e Engels (1844), a consciência de classe, a qual o ser humano está sujeito a experimentar, é o que permite que iguais se unam e lutem por melhorias para a classe, sendo preciso entender a "consciência de si" e a "consciência para si". Bodart (2018) contextualiza que:

A consciência de si é o reconhecimento de sua classe enquanto grupo subjugado no contexto do sistema capitalista. A classe é antes de tudo, um “ser” social e para se constituir como tal precisa da consciência de si mesma,

²⁶ Esporte: Fundado mais um clube em Macapá. *A Voz Católica* (Macapá), n° 118, 28 jan. 1962, p. 5

²⁷ “O Independente, grêmio caçula de Macapá, fazendo seu primeiro jogo sério, venceu o Santa Cruz, vice-campeão da segunda Divisão por 3 tentos contra um. Magnífica a apresentação dos paroquianos agradando em cheio aos seus presentes e dirigentes.” Esporte: O Independente no seu primeiro jôgo sério venceu o Santa Cruz. *A Voz Católica* (Macapá), n° 118, 26 mar. 1962, p. 2

reconhecendo suas potencialidades e fragilidades enquanto grupo social. A consciência de si é o estado de rompimento com a visão fatalista de mundo, a ruptura com o estado de alienação e o desenvolvimento de consciência dos sentimentos e sofrimentos alheios, identificando-se com outros sujeitos em mesma situação. Em outros termos, é a consciência que passa a ser capaz de apreender a realidade que cerca o sujeito. Esse sentimento abre espaço para emergência de uma consciência de classe “para si”. A consciência para si envolve a percepção de que a organização enquanto classe unida é a chave para a ação política em direção à transformação do estado das coisas. É importante mencionar que o grau de consciência de classe em si e para si possuem diferentes intensidades, mas sem consciência de classe em si não é possível, segundo Marx, a produção de uma consciência para si. Ambas as consciências compõem, como denomina a teoria marxiana, a consciência de classe.

Percebe-se que a fundação do Independente E. C. foi um grito de liberdade, algo que mexeu na estrutura que a Icomi havia criado de hegemonia e controle. Pode-se afirmar que o clube foi uma manifestação de contra-hegemonia. De acordo com Gramsci (1999, p. 314-315) as ações contra-hegemônicas são “instrumentos para criar uma nova forma ético-política” cujo o alicerce programático é o de denunciar e tentar reverter as condições de marginalização e exclusão impostas a amplos estratos sociais pelo modo de produção capitalista.

O Independente era tipo um irmão mais pobre do Santana.

Diante dos eventos criados pelo Independente E.C., sendo eles futebolísticos ou relacionados a lazer, a empresa Icomi continuou tentando de alguma forma manter seu controle, através de suas regras. O que fez de certa forma crescer a rivalidade entre os clubes.

Antonio Trevisani, nome conhecido na história do futebol amapaense, jogou por muitos anos pelo Santana E. Clube, seu pai, do mesmo nome, desembarcou em Macapá, em 1954, e foi contratado para trabalhar na ICOMI, ficando a disposição da empresa e sendo um funcionário reconhecido, que igualmente Odon Morales, fez parte da história do Santana e Independente. Seu filho A. Trevizani cresceu em meio a ascensão do futebol em Santana, bem como o início da rivalidade dos clubes. Ele narra que:

A primeira iniciativa do Independente foi criar uma escolinha de futebol pra garotada, o campo ficava atrás da Igreja Católica. Algum tempo depois o Santana resolve também criar uma escolinha e tira vários garotos do Independente, isso foi o início da grande rivalidade criada entre os dois times

que eram chamados de clássico do Porto. Eu e meu irmão fazíamos parte da escolinha do Independente e fomos levados para o Santana..²⁸

Na década de 1960 a mineradora Icomi estava bem rígida em relação a suas regras, principalmente relacionado ao acesso às propriedades e possibilidades que a empresa oferecia a sua segregada população. Odon Morales narra um fato onde uma conhecida sua precisava fazer fisioterapia na piscina após um acidente. Sua família não era sócia e nem funcionária da empresa, mas ele autorizou que ela usasse a piscina: “Isso quase causou a minha demissão.”

O "operário-jogador" quando era contratado, criava um vínculo não só de trabalho manual, o lado da qualidade no futebol pesava também. Era um compromisso de trabalhar para a empresa e para o clube. Mesmo não havendo um contrato proibindo um funcionário da Icomi jogar em outros clubes, a tensão e o medo de perder o emprego era grande, principalmente de quem era jogador, caso cogitasse ir para outro clube, certamente perdia o emprego.

Germano Tiago foi um excelente jogador que atuou em diversos clubes. Nascido no Mazagão e de família humilde, tem um currículo extenso no futebol amapaense. Iniciou nas escolinhas de base do Santana E. Clube e quando adulto, passou a trabalhar para a empresa. Tiaguinho, como é conhecido, burlou uma política da empresa: conseguiu jogar no Independente Esporte Clube sem perder seu emprego na Icomi, ele narra que:

Foi uma novela, porque naquela época, os clubes tinham dirigentes que eram envolvidos tanto com o governo, quanto nas empresas, a Icomi lá em Santana. Então se aquele clube arrumasse um emprego pra você, você tinha um compromisso, se você saísse daquele clube, você era passível de perder seu emprego, aí eu tinha medo disso aí, então pra eu ir pro Independente, eu recorri ao Antonio Trevizani, meu ídolo, um cara que me ajudou muito. Aí o Antonio quando soube que eu ia perder meu emprego, por ter atravessado pro lado da Vila Maia pro Independente, ele foi uma pessoa que falou em meu favor e eu não perdi meu emprego. O Independente era tipo um irmão mais pobre do Santana (clube), e eu tinha muita vontade de jogar no Independente por causa da torcida, apesar da torcida do Santana ser uma torcida apaixonada, mas a torcida do Santana era mais elitizada, mais o pessoal da Vila Amazonas, né? Já o Independente é a torcida povão.²⁹

Elke Nunes (2018, p. 305) em sua tese constatou algumas hipóteses em relação ao conjunto de normas e regras de controle e dominação nos funcionários da Icomi, sendo elas de forma material (como as Vilas) e de maneira simbólica materializado nas promoções, premiações, campeonatos. Percebe-se que no âmbito futebolístico, o medo de perder o seu emprego era uma forma da empresa conseguir controlar um jogador-funcionário seu.

²⁸ Entrevista de Antonio Trevizani cedida à Marcela Bianca em agosto de 2021.

²⁹ Entrevista de Germano Tiago ao Francelmo George em 31 de outubro de 2020.

O Carcará violou a gaiola de ouro do Canário

O Independente E. Clube e sua torcida foi um casamento que deu certo: com grande apoio o clube foi ganhando seus espaços, sendo destaque no futebol e na realização de muitos eventos saudosos nas memórias dos santanenses. O time soube abraçar e ser abraçado. Seu início nos campeonatos foi bem visto na sociedade na época, inclusive da própria Icomi, através da sua *Revista Icomi-Notícia*, que circulou entre 1964 a 1967, que predominava notícias enaltecendo a empresa, e nas colunas de esporte, somente jogadores do Santana E. C. tinham destaque, mas acabou dividindo espaços com o Carcará da Vila Maia.³⁰

A campanha do Santana E. C. era ímpar em 1965, e estava em busca de um título inédito: ganhar o campeonato amapaense invicto. Depois do seu tri-campeonato³¹, o time estava imbatível e jogando muito bem, mas estava dividindo as atenções com o Independente, que vinha se destacando na sua campanha pela segunda divisão. Na época era comum ter outros torneios acontecendo em paralelo ao campeonato principal, bem como amistosos, inaugurações e para comemorar alguma data importante, assim sendo possível times das duas divisões se enfrentarem.

O Independente E. Clube chamou muita atenção por conta de um jogo contra o Juventus E. C. em um amistoso que, apesar do empate, o resultado pouco interessou, pois a performance do time do Independente ao atual campeão do campeonato principal, foi dominante. Segundo o *Jornal A Voz Católica*: “o quadro verde da segunda divisão mostrou mais volume de jogô (sic) e, só não conseguiu o triunfo por falta de sorte, já que seus atacantes perderam, pelo menos, cinco gols (sic) feitos”. E ainda, o jornal afirma que: “O prélio agradou a gregos e troianos e pode ser classificado como o melhor dos últimos anos.”³² E a *Revista Icomi-Notícias* destacou que: “foi uma das melhores partidas dos últimos tempos.”³³

³⁰ O pássaro Carcará passou a ser o mascote do Independente. Algumas pessoas relatam que a escolha foi por conta dos jogadores que corriam muito bem, lembrando a rapidez da ave. Outros alegam que a escolha foi para combinar com o time, pois é uma ave simples, se alimenta de qualquer coisa, livre e comum, ao contrário de um carcará que é mais domesticado, mais limpo... Mais uma maneira de demonstrar ser o contrário do Santana E. C. E a “Vila Maia” do apelido é pelo time ser oriundo dela.

³¹ O time do Santana Esporte Clube conquistou de forma consecutiva os títulos de campeão amapaense em 1960, 1961 e 1962.

³² Esporte: Empate com sabor de vitória: Independente 2 x Juventus 2. *A Voz Católica* (Macapá), nº 305, 29 ago. 1965, p. 2

³³ Independente fêz figura “para valer”. ICOMI Notícias, Rio de Janeiro, n. 22, p. 27, out. 1965.

Naquele ano aconteceu o Clássico do Porto³⁴: Santana E. Clube e Independente E. Clube se enfrentaram no Torneio Icomi-Notícias, da revista de mesmo nome vinculada à mineradora. Diante da boa campanha do time da casa, esse era o grande favorito a ganhar o troféu, pois era o líder invicto da primeira divisão, mas o Independente E. C. também estava em boa fase, sendo o líder da segunda divisão e perto de subir para a divisão principal. O outro clube a participar do torneio foi o Municipal Esporte Clube, vice-líder atrás do Santana E. Clube.

Brilhantemente o Independente Esporte Clube saiu campeão do torneio, ganhando seu primeiro troféu expressivo diante dos dois melhores clubes na temporada. Esse título deu um gás a mais no carcará em buscar para subir de divisão, mostrando potencial de enfrentar os grandes. O *Jornal A Voz Católica*, informou com detalhes o torneio, e citou que “o carcará violou a gaiola de ouro do canário milionário”³⁵ em alusão ao seu grande feito. Já a *Revista Icomi-Notícias* não noticiou nada a respeito do título, mas aquela derrota foi doída, pois mencionou sobre o clube icomiano “desferrar” (dar o troco).³⁶

O Santana E. C. e o Independente E. C. fizeram a famosa casadinha naquele ano de 1965: Os dois foram campeões das divisões do Campeonato Amapaense. Hegemonia dos santanenses no âmbito futebolístico jamais visto. A *Revista Icomi-Notícias* reconheceu que o evento inédito dos clubes era importante saudar: “em 8 anos de lides desportivas, o Santana conquistou cinco títulos, média excelente, de clube que nasceu para ser campeão”. Em relação ao rival, citou:

Sagrando-se campeão da segunda divisão, o Independente ascenderá a divisão principal e formará com o “canário” o melhor “duo” do futebol amapaense. Agremiação muito modesta, mas bem dirigida (...) Suas promoções e sucessos no campo desportivo tornaram o clube muito simpático, tendo o próprio meio icomiano, inúmeros adeptos. Pode-se mesmo notar que quando se encontram as duas agremiações no pôrto (sic), no estádio “Augusto Antunes”, as duas torcidas sempre se equivalem. Êste (sic) fato só pode trazer benefícios para o esporte de Santana, cuja hegemonia se faz sentir sôbre (sic) os demais lugares do nosso território.³⁷

³⁴ Assim é conhecido até os dias de hoje quando as duas equipes se enfrentam, ganhando esse apelido na década de 1960.

³⁵ Esporte: Sensacional o desfecho do Torneio “ICOMI-Notícias”: Independente Esporte Clube, campeão. *A Voz Católica* (Macapá), nº 317, 21 nov. 1965, p. 3

³⁶ Remo e Santana, ponto alto da festa esportiva. *ICOMI Notícias*, Rio de Janeiro, n. 23, p. 27, nov. 1965

³⁷ O Santana nasceu para ser campeão e O Independente luta para fazer sua hegemonia no Pôrto. *ICOMI Notícias*, Rio de Janeiro, n. 26, p. 27, fev. 1966.

De fato o Independente E. C. se tornou muito querido entre os adeptos do esporte, por sua simplicidade, humildade e história simples, que cativou a “torcida do povão”. O título do Santana E. C. foi também comentado na imprensa local, mas nunca um time da divisão menor teve tanto espaço. O Independente era um xodó dos jornais e eleitores naquele ano. O *Jornal A Voz Católica* resolveu dar um espaço para a coluna “No Ninho do Carcará”³⁸, que se estendeu por alguns exemplares, e narra a biografia de cada jogador que fez parte do time do Independente de 1965, algo nunca feito antes pelo jornal. Já a *Revista Icomi-Notícias* citou que “seu maior mérito foi ser o único clube a vencer o Santana na temporada passada”.³⁹

O Independente Esporte Clube de fato, se tornou Independente. Um clube fundado por pessoas simples, que agarraram no clube uma chance de se sentir inserida, algo que não se limitou às quatro linhas. Chegou ao seu apogeu e igualou aos grandes da época, ganhou confiança e prestígio nos anos seguintes e alcançou muitos títulos importantes. O Carcará aprendeu a voar, driblou seus adversários e mostrou que não é um pássaro que vive em gaiola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou analisar as formas de poder que o futebol pode ter na sociedade e o quanto isso afeta o dia a dia das pessoas. O trabalho teve ênfase no futebol amapaense, em especial aos dois principais times santanenses, e procurou expor como esse esporte tem a força de mobilizar massas em prol da mudança, busca da justiça e democracia, e que muitas vezes a comemoração de um gol pode ter mais significado do que se pode imaginar.

A mineradora Icomi buscou de várias formas manter o controle não só de forma interna, pois a parte externa também era afetada com a tensão criada por ela, e através das entrevistas foi possível constatar o sadismo que a empresa tinha no que tange ao futebol, o operário-jogador, o trabalho, o lazer e a soberania institucional.

O Independente E. C. é a prova de que através do futebol é possível mexer nas estruturas diante de uma ordem estabelecida. Não precisou de brigas e nem de embate, precisou que pessoas tivessem consciência de suas posições e entender que de alguma forma era possível vencer a opressão e se sentirem inseridas. O futebol é, e precisa ser, um espaço de liberdade e de manifestação política. O futebol não é e não deve ser neutro.

³⁸ A coluna ‘Ninho do Carcará’ iniciou na edição de número 329, no exemplar de 13 de fevereiro de 1966.

³⁹ Independente, campeão da divisão menor, comemorou o grande feito com prêmios.. ICOMI Notícias, Rio de Janeiro, n. 27, p. 27, mar. 1966.

Por fim, que o presente trabalho possa abrir portas e colaborar para os estudos não só no âmbito futebolístico, pois a/as história/s do esporte amapaense tem muito a nos contar e há grande relevância em compreender sua trajetória e inserção no estado, e suas particularidades devem ser estudadas. O esporte é seguramente objeto de pesquisa também nas ciências humanas, onde a História tem muito a agregar para ao conhecimento à luz da História do Amapá, e abranger temas como futebol feminino, feminismo, raça, etnia e entre outros.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, F. M. R. F. . **O futebol nas fábricas**. Revista USP , São Paulo, v. 22, p. 102-109, 1994.
- BODART, Cristiano das Neves. **O conceito de consciência de classe**. Blog Café com Sociologia. 2018. Disponível em:<<https://cafecomsociologia.com/consciencia-de-classe/>>. Acesso em: agosto de 2021.
- DAMASCENO, Alberto. **Futebol Cearense: a história**. Fortaleza: Edição Própria, 2011, p. 33.
- GARCIA, Leonai. **Bola de seringa: A história do futebol amapaense de 1940 a 1990**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2009.
- GAUDÊNCIO, Itamar. **Diversão, Rivalidade e Política: o RexPa e nos festivais futebolísticos em Belém do Pará (1905-1950)**. 2007. 174 f. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.
- LOBATO, Sidney da Silva. **A cidade dos trabalhadores: insegurança estrutural e tática de sobrevivência em Macapá (1944-1964)**. 2013. 240 f Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo..
- GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história de maior expressão popular do país**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2014, p.16.
- SILVA, Gustavo Santos da. **Os proletariados da bola: The Bangu Athletic Club e as lutas de classes no futebol da Primeira República (1894-1933)**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2017.
- HOBSBAWM, Eric J. **Mundos dos Trabalhos: novos estudos sobre a classe operária**. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 26.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich, **A sagrada família: ou a crítica da Crítica crítica: contra Bruno Bauer e consortes**, São Paulo: Boitempo, 2003.
- MORAES, Dênis de. **Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: A contribuição teórica de Gramsci**. Dossiê Comunicação e Política. Revista Debates, Porto Alegre, v.4, n.1, p. 54-77, jan.-jun. 2010.
- NUNES, Elke. **Mineração de manganês no Amapá: controle de trabalho e memória de trabalhadores na ICOMI, de 1960 a 1973**. 2018. 327 f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.
- PEREIRA, Leonardo. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- SILVA, Francisco Kledison Sousa. **FUTEBOL DO AMAPÁ: Implicações de um profissionalismo "marrom"**. Monografia (Licenciatura em Educação Física) - Colegiado do Curso de Educação Física, Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Macapá, 88 f. 2010.
- TRINDADE, Clenilson Borges. **A importância dos jornais na construção do futebol, como fator de identidade local em São Luís (1905 – 1925)** / Clenilson Borges Trindade. -São Luís, 2011. p. 15-16.